

A CARTOGRAFIA NAS MÃOS – E NAS VOZES – DAS CRIANÇAS

Jader Janer Moreira Lopes*
Reinaldo José de Lima**

A criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho se comparado às criações dos gênios.
Vigotski (2009)

Resumo

O presente artigo trata de um recorte de uma pesquisa de mestrado que buscou compreender as relações espaciais dos sujeitos a partir do desafio de fazer cartografia com as crianças, ouvindo suas vozes, participando da forma como veem o mundo, o espaço e a paisagem de maneira diferente da visão do adulto. Através das discussões e análises do GRUPEGI (Grupo de Pesquisa em Geografia da Infância), buscou-se compreender as vivências socioespaciais das crianças a partir das reflexões e assim construir uma metodologia de trabalho chamada mapas vivenciais. O texto relata, ainda, como a criança concebe o espaço geográfico a partir de um trabalho realizado com alunos do quinto ano do ensino fundamental de uma cidade no interior do estado do Rio de Janeiro que foram convidadas a repensar o espaço da escola que frequentam.

Palavras-chave: Infância. Cartografia. Espacialidades. Vivências.

Trabalhar com a cartografia se configurou como um dos desafios de uma pesquisa que fez parte da dissertação de mestrado intitulada “*em que estar no mapa porque faz parte do mundo: cartografia com crianças em areal (RJ)*”, defendida em fevereiro de 2014 na Universidade Federal Fluminense (UFF). A estrutura de desafio se deu principalmente pelo fato de possibilitar outras formas de interação que não fossem as mesmas sempre postas nas salas de aula, em que a análise de mapas, em uma única visão, uma única possibilidade, era o que tradicionalmente permeava o processo. O desafio que aqui se configurou foi o de fazer cartografia *com* as crianças.

Nesta perspectiva, de fortalecer a ideia de uma nova forma de inserção da cartografia com as crianças, – que é a linha de sustentação desta reflexão – as palavras de Holzer (2006, p. 202) reiteram como condição primordial que “para levar a cartografia às crianças precisamos ouvir suas vozes, observá-las, participar de seu mundo, deixar que elas o construam a partir de seu arbítrio”. Pensamos que esse é um elemento fundamental nesta proposta de trabalho, já que as vozes das crianças, em forma de liberdade, expressam a visão do espaço e da paisagem de formas diferenciadas da visão linear do adulto.

É, portanto, a partir dessas discussões e análises que o grupo de pesquisa do qual fazemos parte, o GRUPEGI (Grupo de Pesquisa em Geografia da Infância), que buscamos compreender as vivências socioespaciais das crianças

* Professor titular da UFJF e coordenador do GRUPEGI – Grupo de Pesquisa em Geografia da Infância (UFF/UFJF). E-mail: jjanergeo@gmail.com

** Aluno do programa de pós-graduação da UFJF. Mestre em educação pela UFF. E-mail: reinaldojlima@hotmail.com

e, a partir das reflexões, construirmos uma metodologia nomeada de *mapas vivenciais*.

É importante, antes de iniciarmos uma análise e reflexão sobre os mapas vivenciais, buscarmos a referência anterior a essa metodologia de pesquisa, que seriam os *mapas narrativos*, que de acordo com Lopes (2012):

[...] estabelece-se como uma metodologia de pesquisa que tem como foco central desvelar os espaços pessoais e sua significância para os sujeitos que os vivem. Trata-se de um procedimento que utiliza recursos visuais, mais especificamente representações cartográficas que são combinadas com narrativas biográficas, revelando os espaços vivenciados a partir do presente por crianças e espaços de infância existentes nas memórias e lembranças dos adultos. Buscando relacionar espaço geográfico com o tempo histórico (com todas as suas formas, atributos e categorias), essa metodologia reconhece os sujeitos na interface dessas dimensões, onde se encontram a história pessoal, subjetiva e ao mesmo tempo coletiva. Os mapas narrativos permitem compreender as temporalidades e espacialidades formadoras do humano e formadas pelo humano, enquanto, simultaneamente, desvelam características singulares de nossas experiências no mundo, permitindo que esse mundo se expresse a partir dos sujeitos. Essa forma de fazer pesquisa está referenciada na tradição fenomenológica (SHÜLTZ E LUCKMANN, 1975) e suas contribuições para a compreensão do humano e seu “mundo da vida cotidiana”, onde estariam presentes os espaços “próximos” por nós ocupados e que nos ocupam, de nossos “entornos” sociais. (LOPES, 2012, p. 163-164)

Lopes (2012) afirma ainda que o termo mapa narrativo se explica por ser uma forma de pesquisa que combina narração e a confecção de desenhos dos lugares trazidos pelos pesquisados no momento da aplicação do método.

A partir das análises e reflexões sobre o mapa narrativo é que o grupo de pesquisa começou a pensar nos mapas vivenciais, que, em Lopes (2012), encontramos o seguinte entendimento sobre essa metodologia:

A vivência constituiria “a unidade da personalidade e do entorno tal como figura no desenvolvimento” (Vigotski, 2006, p. 383) e “deve ser entendida como a relação interior da criança com o ser humano, com um ou outro momento da realidade. Toda a vivência é vivência de algo” (Idem). Tendo como referências esses pressupostos, nossos trabalhos têm centrado esforços em refletir e construir metodologias teóricas que possam contribuir e construir caminhos de pesquisas com crianças, para que possamos desvelar suas vivências espaciais. Temos trabalhado com diferentes estratégias, tais como “Mapas Vivenciais”, “Fotografias Narrativas”, “Ofertas de Artefatos Temáticos”, “Maquetes Vivenciais”, entre outros que têm como objetivo principal compreender o ser e estar das crianças em seus contextos socioespaciais. Os mapas vivenciais, por exemplo, se constituem por elaborações de lâminas cartográficas que trazem não só os elementos do mundo adulto (espaço ofertado), mas também as referências das próprias crianças, as suas lógicas próprias presentes nos diferentes momentos de seu desenvolvimento e que possam desvelar seus cotidianos vividos com outras crianças e com os demais adultos. (LOPES, 2012, p. 64)

Assim sendo, esse texto se pauta na intenção de compreender como a criança concebe o espaço geográfico e, como proposta de inserção, tivemos a participação de um grupo de alunos do quinto ano do ensino fundamental de uma escola do município de Areal (RJ). Os alunos foram convidados a (re)pensar o espaço da escola da qual faziam parte, a partir das modificações/interferências que gostariam de fazer na estrutura física da escola. Para isso, cada um dos cinco alunos recebeu uma planta baixa da escola, com todas as salas e dependências.

Neste primeiro momento, os alunos foram convidados a explorar a planta baixa, localizando os espaços, e a falar um pouco sobre os mesmos, o que pensavam deles e quem eram aqueles que mais gostavam/se identificavam. O desenho abaixo indica as delimitações da planta baixa da escola, que possui dois prédios.



Figura 1 – Planta da escola.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo por Reinaldo José de Lima.

No segundo momento, foi proposto que desenhassem na própria planta e nesses espaços escolhidos o que fosse de referência para eles. Eis um comentário de alunos:

desenhei a tia dando aula na sala só para a quarta série. Gosto da sala porque a gente fica ali quase todo dia (...) E o campinho porque a gente joga bola nele, a gente faz educação física nele, a gente faz todas as coisas de brincar nele, vôlei, basquete.. (José Victor. NOTA DE CAMPO, 5 jun. 2012).



Figura 2 – Ampliação da planta da escola pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.

Os espaços escolhidos se revezaram entre algumas salas e a maioria pela área externa chamada de “campinho”, um pequeno espaço onde se realizam atividades esportivas e se configura como principal local para brincadeiras, principalmente no recreio.

A partir do momento que se inicia a interação com os espaços delimitados na planta baixa, as crianças vão trazendo informações que são próprias dos momentos em que interagem no cotidiano da escola. Leonardo (10 anos), por exemplo, reitera isso como podemos constatar em sua fala.



Figura 3 – Ampliação da planta da escola feita pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.

É interessante observar que Leonardo desenhou, além do campinho – assim como seu colega Rodrigo (abaixo) –, os espaços utilizados para o pique-lata, no caso toda a casa 2 (prédio que não é utilizado no turno da manhã), quando a direção deixa a porta aberta. Outro ponto diz respeito aos “códigos” ou “acordos” feitos entre as duas turmas, como quando relata sobre o dono do campo, na perspectiva do rodízio instituído por eles.

Desenhei no campinho porque a gente joga b campinho. É o lugar que mais gosto na escola.

porque de vez em quando a gente brinca de pique-novos para se esconder (NOTA DE CAMPO, 5 jun. 2012).

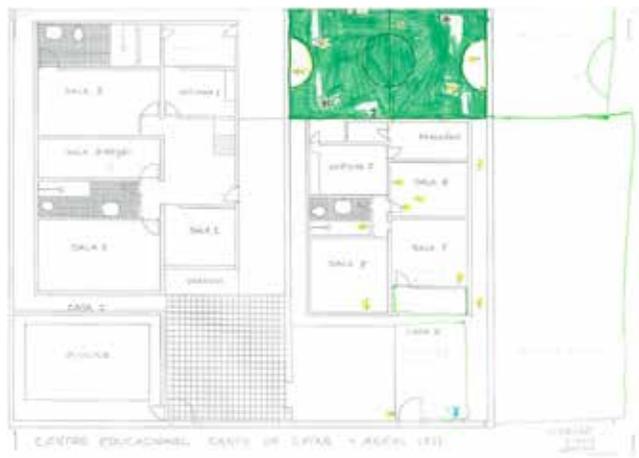


Figura 4 – Ampliação da planta da escola feita pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.

O campo aumentaria para ficar maior, ia ser melhor para jogar, a bola ia rolar mais e não ia cair na casa do vizinho. Tirar o muro e fazer um pátio maior (Rubens, NOTA DE CAMPO, 5 jun. 2012).

Essas foram, portanto, algumas das narrativas sobre o espaço ofertado e uma primeira inserção/interferência das crianças. O terceiro momento da abordagem com as crianças se deu na forma de uma nova lâmina (papel vegetal) sobre a planta baixa da escola, acompanhada da proposta de uma intervenção mais direta ainda, no sentido de promover as mudanças que eles gostariam que acontecessem no espaço físico da escola, que pode ser constatado no desenho de Rubens (acima) e Rodrigo (abaixo):

A sala 7 ia ser para estudar inglês. A sala da direção ia aumentar para ser a sala para estudar História. E a sala 1 ia ser a sala da direção. Ia ter outro campinho para não dar briga entre a 3ª e a 4ª. A sala 3 ia ser a sala que a tia conta histórias. Eu gostei muito de fazer isso, foi muito maneiro, porque é tipo fazer uma escola só para a gente. Porque a escola da gente a gente ia poder modificar ela, podia fazer qualquer

coisa nela. Ia ficar muito legal (Rodrigo, 10 anos, NOTA DE CAMPO 5 jun. 2012).



Figura 5 – Ampliação da planta da escola feita pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.

As falas acima mostram o quanto as crianças se sentiram à vontade para fazer as propostas de mudança com liberdade e entusiasmo. Outro ponto a ser registrado, a partir dessas primeiras tentativas, é a percepção que – enquanto pesquisador – pude constatar que, quanto maior envolvimento da criança com a proposta da escola, maior a liberdade expressada pelas crianças, inclusive enquanto prospecção, como podemos confirmar através da fala acima.

Neste momento da inserção de campo, as plantas sofreram as modificações a partir do olhar das crianças sobre aquele espaço que para eles é ofertado, espaços pré-existent, “pensados” para crianças a partir do olhar do adulto. Ainda, é condizente reiterar como esses espaços pré-existent para crianças podem ser reformulados de uma forma livre e interessante. Isso quando é possibilitado à criança que participe da criação destes a partir de seu olhar, da história de vida que carrega consigo e das suas próprias necessidades expressas em sua voz de liberdade.



Figura 6 – Ampliação da planta da escola feita pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.



Figura 7 – Ampliação da planta da escola feita pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.



Figura 8 – Ampliação da planta da escola feita pelas crianças.

Fonte: Elaborado em trabalho de campo pelas crianças.

Nesse tipo de trabalho, os primeiros passos do pesquisador trazem desafios que são inerentes a quem se propõe estar nessa posição de pensar a cartografia com crianças. Perguntas e indagações surgem a todo momento nessa perspectiva, pois leva a refletir e avaliar toda a postura e forma de inserção a que se propõe estabelecer no trabalho.

E que tipo de encontro se dá quando estamos com as crianças que participam dessa proposta? Como nos transformamos?

Buscamos em Bakhtin (2010) a ideia de excedente de visão e estética para nos auxiliar nesse processo de entendermo-nos como pesquisados e a relação que se estabelece com o outro, com as crianças que participam da pesquisa.

Nele encontramos:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros indivíduos estão fora de mim (BAKHTIN, 2010 p. 21).

A citação bakhtiniana acima nos serve como uma ilustração em grafite, onde linhas não lineares criam caminhos, rumos diferenciados, incertezas e inacabamentos, elementos que consideramos como fundamentais para o(s) encontro(s) que ela – a pesquisa – nos proporcionaram.

A forma como se deram essas vivências, suas espacialidades e cartografias, faz com que essa perspectiva de aprendizado mútuo e contínuo no decorrer do processo seja algo que fascina a quem se propõe a pesquisar com crianças desde o início da caminhada.

THE CARTOGRAPHY ON THE CHILDREN'S HANDS AND VOICES

Abstract

This article is a fragment of a master's research sought to better understand the spatial relationships of the subjects from the challenge of mapping with the children, listening to their voices, participating in the way they see the world, the space and the landscape of way different from adult vision. Through discussion and analysis of GRUPEGI (Research Group Geography of Childhood), its sought to understand the socio-spatial experiences of children from the reflections and thus build a working methodology called experiential maps. The text also tells how the child sees the geographical area from a work done with the fifth grade of elementary school in a city in the state of Rio de Janeiro who were invited to rethink the school space attending as their support students.

Keywords: Childhood. Cartography. Spatiality. Experiences

CARTOGRAFÍA EN LAS MANOS Y LAS VOCES DE LOS NIÑOS

Resumen

Este artículo es un fragmento de una investigación de máster, que trató de comprender las relaciones

espaciales de los sujetos desde el reto de hacer cartografía con los niños, escuchando sus voces y teniendo en cuenta su forma de ver el mundo, el espacio y el paisaje, la cual es diferente a la visión del adulto. A través de la discusión y el análisis de GRUPEGI (Grupo de Pesquisa em Geografia da Infância), buscamos comprender las experiencias sociales y espaciales de los niños a partir de las reflexiones y así construir una metodología de trabajo llamada "Mapas Vivenciais". El texto también relata cómo el niño ve la zona geográfica. El estudio fue realizado con estudiantes de la primaria, que fueron invitados a repensar el espacio escolar que asisten, en una ciudad en el interior de la provincia de Río de Janeiro.

Palabras clave: Niñez. Cartografía. Espacialidad. Experiencias.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HOLZER, W.; HOLZER, S. Cartografia para crianças: qual é o seu lugar? In: SEEMANN, Jörn. *A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia Humana*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- LOPES, J. J. M. Mapas narrativos e espaços de vivência: cartografando os lugares de infância. In: ANDRADE, D. B. S. F.; LOPES, J. J. M. *Infâncias e crianças – lugares em diálogo*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

Enviado em 14 de abril de 2015.

Aprovado em 14 de maio de 2015.